

GÊNERO, SEXO ANATÔMICO-FISIOLOGICO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: O GÊNERO HUMANO

Jéferson Alves Masson

Esta é uma introdução teórica a um estudo sobre o homoerotismo na literatura infanto-juvenil.

O *Dicionário Aurélio* apresenta extensa e diversa definição para a palavra gênero, considerando o contexto lingüístico em que surge, podendo ainda receber um significado em relação à determinada ciência ou disciplina. Contudo, de um modo geral, essas definições estão vinculadas a um conceito de categoria, classificação ou agrupamento, consoante algumas características em comum convencionalmente estabelecidas. Em Biologia, por exemplo, o significado de gênero é visto a partir de unidades taxionômicas usadas nos sistemas de classificação, sendo constituídas por uma ou mais espécies afins. Na Gramática, o gênero passa a ser visto como categoria indicativa, pela presença de determinadas desinências, mostrando uma divisão de nomes pautada nos critérios sexuais e psicológicos. Considera a existência dos gêneros masculino, feminino e neutro, este último apresentando caracteres de não ser distintamente marcado, sendo, portanto, indefinido e indeterminado. O *Aurélio* menciona também o item “gênero humano”, que diz respeito à espécie humana propriamente dita, que, a meu ver, seria o agrupamento de maior transcendência, abarcando todas as categorias humanas existentes que, em função de determinados aspectos, acabam acarretando uma cisão, decorrente de uma relação de poder gerada entre elas, como, por exemplo, a preponderância, até mesmo lingüística, do gênero masculino sobre o feminino.

Coloco em debate os gêneros produzidos por nossa sociedade ocidental e que estão definidos a partir de uma relação de poder, como bem observa Foucault na sua *História da Sexualidade*. Desta forma, os gêneros estão sempre presentes num contexto social de poder, seja através da linguagem, do sexo anatômico-fisiológico, da orientação sexual e de tantas outras construções,

formando categorias e identidades bem específicas, que representam as próprias relações de poder em voga, gerando marginalização e violência nos espaços sociais que construímos e habitamos.

A palavra gênero está cada vez mais impregnada de determinados conceitos e classificações, como, por exemplo, o sexual, que é o principal tema do presente estudo, causando a confusão entre gênero, anatomia sexual e orientação sexual. Observo que na maioria dos discursos sobre a questão do gênero os caracteres sexuais se esbarram, se entrelaçam, tornando, às vezes, indistinguíveis esses conceitos. Por isso, enfatizo algumas distinções entre gênero, anatomia sexual e orientação sexual, mesmo que, para tais elucidações, tenha também que formar categorias, evitando, porém, criar relações de poder entre elas, seja em nível anatômico, de orientação sexual, emocional ou intelectual.

Primeiramente, o aspecto anatômico do homem e da mulher, o pênis e a vagina, não devem criar índices de superioridade ou inferioridade. São órgãos que, além da função reprodutora, geram um prazer físico, podendo ou não levar a uma sensação/sentimento transfísico, dependendo do grau de desenvolvimento e envolvimento espiritual/sentimental dos sujeitos comprometidos na relação. Pode ser, portanto, uma simples relação para fins de reprodução, uma relação sexual estritamente física, com ou sem prazer, com ou sem amor, objetivando ou não à reprodução, entre um homem e uma mulher; uma relação puramente física, com ou sem prazer, entre dois homens ou duas mulheres; uma relação sexual e de amor entre dois homens ou entre duas mulheres ou, em todos os casos, relações de amor, sem nenhum envolvimento sexual, puramente sentimental/espiritual entre dois seres humanos, independentemente dos aspectos de gênero, orientação sexual e sexo anatômico–fisiológico.

Os sujeitos podem exercer suas sexualidades de diferentes formas. Podem vivenciar seus desejos eróticos e físicos de diversas maneiras. Suas orientações sexuais, providas ou não de sentimentos, se definem a partir de suas experiências e escolhas sexuais que, de maneira alguma,

são imutáveis, são melhores ou piores em comparação com outras possibilidades. Assim, ter um envolvimento heterossexual, homossexual ou bissexual não pode gerar pré-conceitos e formar subcategorias ou novas classificações de gênero, além do masculino e do feminino. As orientações sexuais, sejam elas quais forem, não podem suscitar variantes a partir desses gêneros existentes. Ninguém, portanto, é mais homem ou menos homem, mais mulher ou menos mulher por vivenciar experiências homoeróticas.

É notório que as orientações sexuais, os sexos anatômico-fisiológicos e os gêneros estão constantemente se esbarrando, sendo, muitas vezes, difícil pensá-los separadamente, tamanho é o grau de comprometimento presente nos variados contextos sociais. Mas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos e femininos podem ter experiências hetero, homo ou bi ou simplesmente não se envolverem sexualmente com ninguém, embora possam se envolver apenas emocionalmente. Esses mesmos sujeitos podem ser ricos ou pobres, pretos, brancos ou mestiços, católicos, protestantes ou umbandistas. As identidades e subjetividades dos diversos sujeitos se formam num contínuo e infinito processo de construção. Por isso, somos de natureza instável, potencialmente transformadora, perecível e humanamente tão rica.

Para melhor entendimento e discernimento dessas questões, precisamos subverter determinados paradigmas que criam categorias viciadas em relações de poder e conseqüentes desigualdades que nunca poderiam haver. As categorias deveriam existir tão-somente para melhor compreensão das questões humanas e uma rica e diversificada percepção dos sujeitos, mas nunca para criar organismos de poder.

Todos os espaços “guetizados” como espaços exclusivamente de homem, de mulher, de homossexuais, de heterossexuais, de negros e brancos, de judeus, de palestinos etc., apenas fortalecem uma já sólida construção reprodutora de relações patológicas de poder, inferiorizando e

denegrindo a raça humana, tornando-a medíocre, pusilânime, violenta e já num iniciado processo de pulverização e extinção.

Essas questões levantadas devem ser refletidas sempre num contexto social, pois nunca devemos esquecer que somos seres biossociais e habitamos espaços socializados (família, escola, comunidade, igreja, variados grupos), sendo nesses espaços que edificamos construções de poder e conseqüentes desigualdades entre os sujeitos.

A desconstrução da dicotomia gênero (masculino e feminino), que se confunde com os sexos anatômico-fisiológicos, bem com as orientações sexuais possíveis, devem ser mais bem abordadas nos mais variados institutos sociais em vigor, a fim de que se consiga dissolver e minimizar toda essa celeuma criadora de preconceitos que acabam formando agrupamentos de subgêneros ou subcategorias, criando e misturando significados distintos e, às vezes, inverossímeis, entre o masculino e o feminino e as orientações sexuais dos diversos indivíduos.

Os gêneros existem como categorias distintivas de vários aspectos da natureza humana, mas não para criar guetos ou constituir seres superiores ou inferiores. Os gêneros, os sexos anatômicos e as orientações devem conviver com plenitude, em uma ontológica e tênue coessência, mesmo sendo coisas com energias distintas. Todas essas diferenças existem no mundo, todos os contrários devem ser complementares e harmônicos. Cada sujeito deve comungar consoante o seu sentimento e sempre buscando entender as diferenças do outro como um valor positivo e altamente potencial, tornando a espécie humana, na sua totalidade, muito mais rica e desenvolvida.

Masculino ou feminino são energias complementares. Tanto o feminino como o masculino coexistem num mesmo sujeito, independentemente do seu sexo anatômico ou de sua orientação sexual. O “espírito” (energia) do masculino e do feminino não deveria pulsar e vibrar separadamente mas em perfeita comunhão com a totalidade do ser. O masculino e o feminino estão além de convenções e estereótipos porque a integridade do ser se dá em uma homogênea interação

das energias do feminino e do masculino, do *anima* e *animus*, na filosofia de Jung, e do *ying* e *yang* dos chineses .

O ser humano é a conjugação simultânea do masculino e do feminino em um espaço de equilíbrio e igualdade. As questões de gênero estarão sempre além de orientações sexuais ou de um simples e perecível critério anatômico (os órgãos sexuais do homem e da mulher). O travesti, por exemplo, que se submete a uma cirurgia para mudar o sexo anatômico nunca deixará de possuir na essência de seu ser as energias vitais e imperecíveis do masculino e do feminino em constante convívio, mesmo que não haja um equilíbrio perfeito entre esses elementos, uma vez que isso independe de fatos anatômicos e de orientação sexual. O que poderia acontecer, com qualquer ser humano, é um desequilíbrio entre essas energias. Mas isso já seria uma outra discussão que, no momento, foge da minha proposta de trabalho. O importante é saber que as energias do masculino e do feminino transcendem os aspectos anatômicos (os órgãos genitais do homem e da mulher) e as orientações sexuais.

Assim, ser homem também não significa ter que gostar sempre de futebol ou de soltar pipa e balão. Ser homem também quer dizer poder chorar, sentir dor, gostar de brincar de boneca e amar outro homem, uma mulher ou a ambos. Ser mulher também não significa só poder gostar de brincar de boneca ou de ser fada. Ser mulher pode significar não conseguir chorar em alguns momentos tristes, pode significar gostar de soltar pipa e jogar bola, ou amar outra mulher ou outro homem ou a ambos. Será que ser feminino é tão-somente ter uma vagina? E ser masculino é tão-somente ter um pênis? Será que o objetivo principal desses órgãos genitais é unicamente a reprodução dos seres? Os gêneros não podem ser mais confundidos com questões anatômicas ou de orientação sexual. Como diz a letra da música de Pepeu Gomes, “se Deus é menino ou menina, sou masculino e feminino”. Os órgãos genitais são estruturas físicas que visam a reprodução ou a uma relação sexual puramente

física ou também físico-emocional, mas nunca são marcadores de uma escala valorativa de sentimentos e de energias.

Nós somos o gênero humano e ele é composto do masculino e do feminino que coexistem num mesmo ser. O gênero humano, com sua abrangente acepção, neutraliza e dessignifica todas as demais classificações que segregam, marginalizam e criam ordens de poder. Por isso, ele é perfeito na sua totalidade formada por energias, sentimentos, anatomias, orientações e tantos outros aspectos diferentes uns dos outros mas, nem por isso, melhor ou pior, de valor menor ou maior.

Junio de Souza Brandão, na sua obra *Mitologia Grega*, comenta que Hermafrodito foi o filho mais importante nascido da união de Hermes e Afrodite. Hermafrodito foi criado pelas ninfas nas florestas, sendo dotado de muita beleza. Ao completar 15 anos, decidiu percorrer o mundo. Numa viagem que fez pela Ásia Menor chegou até Cásia, onde encontrou, nas margens de um lago, a ninfa Sálmacis, que por ele se apaixonou perdidamente. Porém, Hermafrodito não correspondeu aos sentimentos da ninfa, rejeitando-a. Ela, fingindo-se conformada, esperou que Hermafrodito se despidesse para se banhar nas águas do lago e assim enlaçou-o fortemente e rogou aos deuses que unissem os dois corpos em um só. Os deuses ouviram sua súplica e surgiu então o novo ser de dupla natureza.

Segundo Brandão, o mito do Hermafrodito não passa de uma simples repetição do mito do andrógino primordial, o todo homogêneo, a união dos contrários que levam à homogeneidade. A unidade do cosmo é configurada por Uróboro, a serpente que morde a própria cauda. Do *complexio oppositorum*, ou seja, da união dos contrários, sairá a serpente vital, a *pedra*. Os contrários são encerrados no *atamor* ou *ovo filosófico*. Estes contrários são o “princípio do enxofre masculino”, cujo símbolo é um rei vestido de vermelho e o “princípio de mercúrio feminino”, configurado por uma rainha vestida de branco. Assim, desse matrimônio filosófico, nascerá a matéria-prima. No

sentido simbólico, Uróboro representa a manifestação e a reabsorção cíclica. É a união sexual em si mesma. É a serpente que se autofecunda, com a cauda mergulhada em sua própria boca.

Segundo o *Dicionário de Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, o andrógino (Hermafrodito) inicial é uma figura antropomórfica do ovo cósmico, “é a plenitude da unidade fundamental, onde os opostos se confundem... na integração final.”. Na filosofia do Tao “um produz dois”. Daí, também, o mito do Adão Primordial, que não era macho, mas andrógino, sendo, portando, Adão e Eva. Por isso, o andrógino é muitas vezes representado por um ser duplo, possuindo os atributos de ambos os sexos. A deusa erótica Xiva é andrógina. O andrógino representa a “totalidade das potências mágico-religiosas solidárias de ambos os sexos”, segundo Mircea Eliade. Os Bambaras afirmam que “o ser humano não nasce jamais totalmente polarizado em seu sexo. É uma lei fundamental da criação que cada ser humano seja a um só tempo macho e fêmeo em seu corpo e em seus princípios espirituais”. Da mesma forma, a Fênix chinesa, símbolo de renascimento, é hermafrodita.

Através dessas representações, podemos concluir que a liberação das contingências espirituais se dão pela *coincidentia oppositorum*, sendo a concretização do princípio da unidade primordial. Os alquimistas chineses dizem que o princípio da unidade primeira do ser é a fusão do *ying* e do *yang*, do *ming* e do *sing*, as duas polaridades do ser. Segundo o mito do Gênese, Eva foi tirada de uma costela de Adão. Isto significa que o todo humano era indiferenciado na sua origem. Tornar-se uno é a finalidade da vida do homem: o masculino somando-se ao feminino numa construção de igualdade. E isto é apenas um dos aspectos de uma multiplicidade de opostos que existem para se complementarem.

Jung chamou as formas masculina e feminina, respectivamente, *animus* e *anima*. *Anima* é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem (os humores, os sentimentos instáveis, as intuições, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a

sensibilidade com a natureza e também o relacionamento com o inconsciente). A *anima* é um poder interior e seu objetivo é forçar o homem a desenvolver e amadurecer o seu próprio ser, integrando melhor a sua personalidade inconsciente e trazendo-a à realidade de sua vida. A *anima* assume um papel de guia ou mediador entre o mundo interior e o *self* (o núcleo da *psique*). Já o *animus* é a personificação masculina na psique da mulher. O *animus* pode tornar-se um companheiro interior, transmitindo mensagens vitais ao *self*, contemplando a mulher com uma série de qualidades masculinas, como, por exemplo, a iniciativa, a coragem, a objetividade e a sabedoria espiritual. Esta dualidade interior no ser (*anima/animus*) é simbolizada, muitas vezes, por uma figura hermafrodita, andrógina.

No *Banquete*, de Platão, no discurso de Aristófanes, encontramos o mito da Unidade Primitiva, que conta a história da natureza humana, da seguinte forma: “Éramos no início o dobro do que agora somos, e desse ser inteiriço havia três gêneros, um composto de duas partes masculinas, outro de duas partes femininas, e outro misto. Em represália à insolência desses nossos ancestrais, Zeus cortou-os ao meio. Depois da operação, começa para esses novos seres, assim multiplicados, uma procura ansiosa de sua antiga metade. Exatamente em tal procura consiste o amor, sendo que a proveniência de cada metade explica o tipo particular de cada um, isto é, o homossexual masculino ou feminino e o heterossexual. O devido culto ao amor nos ajuda a encontrar, senão nossa primitiva metade, pelo menos a que mais se assemelha, e assim realizar de algum modo nossa unidade original.”¹

É recorrendo a esses autores e a essa tradição, que propusemos uma investigação acerca das questões de gênero na contemporaneidade. Esta breve introdução teórica se deve a este projeto, que detalharemos em outro momento, oportunamente.

¹ PLATÃO. *O Banquete*. Tradução J. Cavalcanti de Souza. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras S.A, 1997.